
O BRASIL DIMENSIONADO PELO FUTEBOL

THE DESIGNED BY BRAZIL FOOTBALL

Aginaldo Kupper¹⁷

RESUMO

Arrisco afirmar que a vida humana ocidental contemporânea aparenta partidas de futebol: embates, tempo medido, lutas pela titularidade e aceitação, torcidas agindo como partidos políticos, advertências, disputas, discussões de teses, improvisos, presença de regras e transgressões, práticas de alienação, simbologias de socialização, teatralização da vida social, encenações abstratas de guerra, entre outros.

A princípio, o futebol associava-se às elites. No Brasil, popularizou-se de forma assustadora a ponto de tornar-se uma extensão do ambiente doméstico e do trabalho, em especial a partir do primeiro quartel do século XX, período em que as agitações operárias preocupavam empresários e governo (este último enquanto representante dos interesses dos possuidores e do Estado em si).

O até então esporte das elites tornou-se uma poderosa expressão dos setores sociais mais empobrecidos, em uma disseminação impressionante, talvez por ser esta prática esportiva a única que inspire a possibilidade da quebra das hierarquias sociais, o que significa dizer que nem sempre o favorito vence.

Não há como deixar de levar em consideração que a prática do futebol virou mania mundial a partir da realização dos torneios mundiais, determinado a partir de uma reunião da FIFA (Federação Internacional de Futebol) em 08 de setembro de 1928 em Zurich. Alguns meses depois, em Barcelona, especificamente em 17 de maio de 1929, estava batido o martelo: de quatro em quatro anos, a partir de 1930, a realização uma competição denominada “Copa do Mundo de Futebol”.

A Copa do Mundo passou a determinar os olhares de e sobre o povo brasileiro, especialmente a partir de 1938, quando o projeto de inculcar a visão de nação sobre o Brasil passou a ser colocado em prática por Getúlio Vargas. Paulatinamente, o futebol tornou-se a expressão da condição mental do brasileiro, refletindo o momento social, político, econômico e histórico vivido por ocasião da realização do torneio, reunindo múltiplos significados: jogo, ritual, entretenimento, espetáculo, diversão, paixão, congregação.

PALAVRAS-CHAVE: *futebol; movimento operário; Copas; cenários.*

ABSTRACT

I dare say that the contemporary Western human life appears to football matches: clashes, measured time, struggles for ownership and acceptance, twisted acting as political parties, warnings, disputes, theses discussions, improvisations, presence of rules and transgressions, disposal practices, symbolologies socialization, dramatization of social life, abstract scenarios of war, among others.

At first, football was associated to the elites. In Brazil, became popular so scary about to become an extension of the home environment and work, especially from the first quarter of the twentieth century, during which the workers agitations concerned businessmen and government (the latter as representative the interests of owners and the state itself)

The hitherto sport of the elite has become a powerful expression of the most impoverished social sectors in an impressive spread, perhaps because this sports practice the one that inspires the possibility of breaking the social hierarchies, which means that not always the favorite wins.

There is no way fail to take into account that the practice of football became a worldwide craze from the realization of world tournaments, determined from a meeting of the FIFA (International Football Federation) on September 8, 1928 in Zurich. A few months later, in Barcelona, specifically on May 17, 1929, he was the hammer: every four years from 1930, achieving a so-called competition “Football World Cup”.

The World Cup started to determine the looks and the Brazilian people, especially from 1938, when the project to instill the nation’s vision of Brazil started to be put in place by Getulio Vargas. Gradually, football has become the expression of mental Brazilian condition, reflecting the social moment, political, economic and historical lived at the completion of the tournament, bringing together multiple meanings: play, ritual, entertainment, spectacle, fun, passion, congregation.

KEYWORDS: football; labor movement; Cups; scenarios.

¹⁷ Historiador; escritor; professor de ensino superior e de pós-graduação; mestre em História (área: História e Sociedade); doutorando em História (área: Política: ações e representações) pela Unesp.

101

R
E
V
I
S
T
A

Origem do Futebol: no mundo, no Brasil

Foi no século XVIII, com a consolidação do parlamentarismo e com a Revolução Industrial, representando a vitória do capitalismo na sociedade inglesa, que começaram a ocorrer mudanças no jogo da bola. Aos dirigentes da aristocracia interessava reformular a educação então dominante no país. O futebol, esporte que vincula disciplina e solidariedade, serviria ao propósito. Para tanto, regras fixas deveriam ser criadas. Desta forma, em 1863, surgia o chamado *football association* (futebol moderno), quando representantes de onze clubes e escolas reuniram-se e fundaram a Football Association, em Londres. Neste mesmo ano, o futebol foi codificado em apenas quatorze regras (atualmente, são dezessete), tornadas públicas em livros e cartilhas distribuídas pelo país¹⁸.

As últimas décadas do século XIX tiveram como uma de suas características o crescente fortalecimento das paixões nacionalistas, sobretudo nas sociedades capitalistas centrais, empreendedoras de vigorosa expansão imperialista. Paralelamente, surgiram resistências à adoção do futebol enquanto prática esportiva. Mas por pouco tempo. O esporte proliferou, chegando à França em 1872, à Suíça em 1879, à Bélgica em 1880, à Holanda, Dinamarca e Alemanha em 1889, à Itália em 1893, ao Brasil em 1895 (de forma oficial).

Em 21 de Maio de 1904, sem a presença da Inglaterra, sete países (Holanda, Espanha, Dinamarca, Bélgica, Suécia, Suíça e França) fundaram, em Paris, a Federação Internacional de Futebol (FIFA). Já em sua primeira reunião, a intenção de se organizar um campeonato mundial de futebol, independentemente das Olimpíadas. Com a popularização do esporte, aos poucos, federações de outros países foram aderindo à agremiação.

Na América Latina, a rápida propagação da modalidade foi facilitada pelo fato de existirem no continente comunidades inglesas ligadas a empresas e empreendimentos do capitalismo inglês¹⁹, caso do Brasil.

Há indícios de que partidas do esporte foram disputadas durante o II Reinado (1840-1889) e é fato que as primeiras menções ao futebol em nosso país foram feitas no século anterior (os anais de 1746 da Câmara Municipal de São Paulo atestam para a proibição do jogo da bola, pois o considerava provocador de agrupamentos de vadios e desordeiros²⁰). Crê-se, no entanto, que os ingleses foram os primeiros a jogar bola nas praias e capinzais existentes no litoral brasileiro. Informações pouco precisas dão conta de que, por volta de 1875, trabalhadores ingleses e brasileiros pertencentes a empresas britânicas se enfrentavam em partidas de futebol no campo do Payssandu Cricket Club, no bairro Laranjeiras, cidade do Rio.

O futebol association foi trazido para o Brasil (especificamente, São Paulo) por Charles Miller (1874-1953), embora parem dúvidas a respeito (os gaúchos, por exemplo, afirmam que o futebol teria sido introduzido no país por Sir Artur Lawson²¹).

O ano de 1898 assistiu à criação do primeiro clube destinado à prática no Brasil: a Associação Atlética Mackenzie College (SP). Há referências de que ao final do século XIX

18 Sérgio Noronha (org.). Almanaque dos esportes – 1975. RJ: Rio Gráfica, 1975, p.294.

19 Rubim Aquino. Futebol uma paixão nacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

20 Loris B. Cunha. A verdadeira história do futebol brasileiro. RJ: Arade, s/d.

21 Loris B. Cunha. A verdadeira História do Futebol Brasileiro. RJ: Editora Publicitária, 1994, p. 1.

colégios jesuítas do Rio Grande do Sul e maristas do Rio de Janeiro praticavam futebol como parte integrante dos exercícios físicos e que instituições de ensino que adotavam a prática futebolística como atividade curricular (Colégio Pedro II, Delamare, Paula Freitas, Anglo-Brasileiro e Arquidiocesano). Algumas citações apontam que clérigos católicos viam no futebol uma forma de solucionar problemas disciplinares entre os discentes²².

Em 1900 foi criado o Clube Atlético Paulistano. Mackenzie e Paulistano estruturaram, em seguida, a Liga Paulista de Futebol. Com o passar dos anos, foram surgindo pequenos times que passaram a disputar pelepas concorridas nos diversos campos na Várzea do Carmo, Parque D. Pedro II. Não demorou, agremiações de maior vulto despontaram. Caso do Sport Club Corinthians Paulista (1910), Santos Futebol Clube (1912), União Mogi Futebol Clube (1913), Antarctica Futebol Clube (1915, já extinto), Associação Portuguesa de Desportos (1920), Clube Atlético Juventus (1920) e do Comercial Futebol Clube (1911), isto para ficarmos apenas no Estado de São Paulo, não levando em consideração o surgimento de dezenas de outros clubes de futebol que se espalharam pelo Brasil²³. Em 1914 foram realizadas, apenas num domingo paulista, trinta e sete partidas, envolvendo setenta e quatro clubes, cento e quarenta e oito times, com cerca de mil e seiscentos jogadores²⁴.

Nos primeiros anos do século XX, o caráter da prática era elitista, com agremiações fechadas que preenchiam o tempo livre dos filhos das famílias mais abastadas²⁵. Tal elitismo pode ser demonstrado nos preços cobrados aos que desejassem se associar aos clubes familiares que foram sendo formados: altíssimos, para a época. Ao serem anunciados para uma partida (escalação), por exemplo, os jogadores tinham os nomes antecidos por “senhor”²⁶ (o senso comum aponta que a origem da palavra *torcida* provém do traje dos acompanhantes das partidas de futebol: trajavam normalmente terno e o lenço às mãos lhes servia para enxugar o suor, sendo tal peça espremida pelo apreciador nos momentos mais emocionantes da pelepas).

No Rio de Janeiro, a prática do futebol ganhou projeção após a reurbanização da cidade no início do século XX, interessada em consolidar o regime republicano no país. Na modernização da capital federal, centenas de habitações de segmentos sociais menos favorecidos foram colocadas abaixo para dar lugar, entre outros, a grandes avenidas. A grande parcela da população prejudicada pelas obras não tardou a revoltar-se, fazendo surgir a primeira grande revolta urbana da história brasileira: a Revolta da Vacina (1904), reprimida com a força da polícia e, quem sabe, com o estímulo ao futebol nos terrenos baldios e nas praias, em especial entre as maltas²⁷, já que a prática da capoeira passou a ser incessantemente perseguida após o apoio de seus praticantes às manifestações ocorridas na cidade-capital²⁸.

O jogo de futebol, impressionantemente, perdeu rapidamente seu caráter elitista, ganhando força entre os “cabras”, ainda no primeiro quartel do século XX, quando operários viviam às turras com o sistema opressor das fábricas e eram guiados em suas reivindicações por ideologias como o anarquismo, especialmente em cidades como São

22 Soares, Lovisoló, Helal 2001, pp 125.

23 Relatórios da Confederação Brasileira de Desportos e da Confederação Brasileira de Futebol .

24 José Renato de C. Araújo. Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália. SP: Ed. Sumaré, FAPESP, 2000, p. 64.

25 Nicolau Sevckenko. Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. SP: Cia. das Letras, 1992.

26 Tomás Mazzoni. História do Futebol no Brasil. São Paulo: Leia, 1950.

27 grupos de capoeiristas

28 Rubim Aquino, op.cit, p.39.

Paulo e Rio de Janeiro.

Ganhando fôlego no Brasil e, particularmente, em São Paulo, as empresas passaram a criar seus clubes.

À medida que o processo de industrialização avançava em áreas como São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, o antagonismo entre burguesia e proletariado industrial engrandecia. Passaram a surgir associações demonstradoras da obtenção progressiva de consciência do proletariado em formação (sindicatos), lapidadas em ideias pela experiência de imigrantes estrangeiros, com as ligas ou associações de resistência organizando os trabalhadores na luta por melhores condições. Como muitos dos estrangeiros atraídos ao Brasil provinham de regiões do sul do Velho Mundo, contaminadas por fortes inspirações anarquistas²⁹, não é de se estranhar que tais ideologias passassem a prevalecer sobre as lutas trabalhistas.

O sindicalismo brasileiro, no primeiro quartel do século XX, embora mostrando instabilidades, foi precursor como instrumento da organização operária, gerando certa aflição à burguesia industrial. Para Edgard Carone³⁰, as funções do sindicato deveriam ser apresentadas através da *“consciência de classe em defesa de seus princípios e o da vida social educativa, representando local de conferências literárias, festas, vida social e artística”*, contribuindo para uma maior ligação entre operários e seus familiares, para a preservação dos valores culturais e para a arrecadação de fundos para a manutenção das associações de classe, dos jornais representativos dos operários, das escolas livres e para a luta por melhores condições de trabalho (como a redução da jornada de trabalho e melhores salários).

Em julho de 1917, iniciou-se uma onda de greves que paralisou São Paulo e várias indústrias do interior do Estado. As reclamações operárias tornaram-se mais intensas, inclusive com a especulação relacionadas a gêneros alimentícios de primeira necessidade. O movimento, iniciado pelos tecelões do Cotonifício Crespi, reuniu mais de quarenta mil trabalhadores paulistas. Não tardou para que medidas enérgicas fossem tomadas por parte das autoridades, ordenando, inclusive, que soldados atirassem em manifestantes com o intuito de evitar passeatas e que fossem aprisionados os principais líderes do movimento que, neste mesmo ano, já passava a influenciar trabalhadores de outras unidades da federação³¹.

Se o anarquismo e o anarcosindicalismo influenciaram fortemente a organização operária brasileira entre o final do século XIX e 1922, é passível de afirmação, também, que a eclosão da Revolução Russa de 1917 trouxe força de novas orientações à luta trabalhista no mundo (no Brasil tais influências ganharam impulso principalmente entre 1919 e 1922, inclusive com muitos líderes anarquistas e anarcosindicalistas migrando para o comunismo). As ações contínuas de repressão à organização dos sindicatos de trabalhadores brasileiros (tais como prisões e deportações de líderes) associadas às dissidências de lideranças, apontavam o cenário do movimento operário nacional no ano de 1921: desarticulação (para não dizer desorganização). A fundação do Partido Comunista Brasileiro, em 1922, associada à decadência do anarquismo e anarcosindicalismo enquanto forças influenciadoras da organização dos trabalhadores do país, trouxe ao movimento operário novas inspirações³². E serão exatamente estes novos estímulos que nortearão a

²⁹ o termo anarquista é usualmente empregado para identificar o militante que atuava junto ao movimento operário, porém fora dos quadros sindicais; o militante que atuava nos sindicatos era identificado como anarcosindicalista e/ou sindicalista revolucionário.

³⁰ Edgard Carone. Introdução ao Estudo do Movimento Operário no Brasil – 1877-1944. Ensaios de Opinião. São Paulo, 1979.

³¹ Nicolina L. Petta. Para entender o anarquismo. São Paulo: Moderna, 2004.

³² Paulo Alves, op.cit, p.54.

luta sindical brasileira a partir de então, ao menos até a Revolução de 1930.

Estratégias Estatais de Repressão à Organização Operária

Não há como contestar que as classes trabalhadoras brasileira tiveram no Estado o grande empecilho para sua organização.

Não é o caso, no momento, de descrevermos os artigos, decretos, leis e portarias estatais estabelecidas para o controle dos “inimigos” da República, mas atentarmos que práticas repressivas foram utilizadas no combate à organização sindical dos trabalhadores brasileiros, em especial no primeiro quartel do século XX, quando a mesma se mostrou mais vigorosa. Além do uso efetivo do sistema prisional e das expulsões de cidadãos “nocivos”, a imprensa operária foi cerceada, greves foram coibidas em seu embrião, sindicatos foram perseguidos ou mesmo fechados e manifestações culturais próprias da classe operária foram sufocadas (seja diretamente, com a perseguição a lideranças libertárias, seja indiretamente, com a substituição da cultura operária pela cultura incentivada por controladores dos meios de comunicação associados ao poder político e econômico, criadores de versões para os fatos de acordo com os interesses do momento³³. O jornal *O Paiz* que, por ocasião das greves de 1917, 1918 e 1919, chegou a recomendar ao governo “a utilização da violência física como repressão aos movimentos”³⁴.

As greves articuladas entre 1917 e 1921 (mais contundentes na cidade de São Paulo, Rio de Janeiro e nos Estados do Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e Alagoas³⁵), serviram de argumento para a ação mais forte e dura do governo no que tange à perseguição a líderes trabalhistas.

Mas as práticas de repressão às organizações operárias teriam sido apenas violentas? Ações mais sutis como a massificação do futebol, até então basicamente enraizado em faixas sociais mais privilegiadas, teriam sido utilizadas? Em que momento a prática esportiva do futebol se encontra com o anarquismo, com o anarcosindicalismo e com o comunismo no Brasil? A partir deste cruzamento, como anarquistas, anarcosindicalistas, comunistas e outras correntes de esquerda se postaram perante o avanço do futebol? Eis algumas perguntas que merecem respostas concretas para que possamos entender de forma mais consistente um pouco mais da história social e trabalhista brasileira.

Lima Barreto (1881-1922), considerado o ‘romancista da Primeira República’, parecia prever sobre o uso do futebol como agente da despolitização. Para o autor, o esporte seria “filho do imperialismo”, chegando a afirmar que “o futebol é coisa inglesa ou nos chegou por intermédio dos arrogantes e rubicundos caixeiros dos bancos ingleses, ali, da rua da Candelária e arredores, nos quais todos nós teimávamos em ver bondes e pares do Reino Unido”³⁶.

Da mesma forma, Graciliano Ramos chegou a afirmar que o futebol seria a “prova da superioridade europeia sobre o brasileiro”, apontando ainda que a popularidade do futebol seria apenas um “fogo de palha pelo frágil biótipo dos que habitam o Brasil”³⁷.

Joel Rufino, ao contextualizar a popularização do futebol, afirma que tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro a febre pela prática teria sido resultado direto da intervenção dos patrões e do poder público já que a emergência das greves operárias de 1917 teria feito “ver às autoridades industriais que a cidade precisava de um esporte de

33 Nicolina L. Petta e Luciano Delfino. Para entender o anarquismo. SP: Ed. Moderna, 2004.

34 Sheldon L. Maram. Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920). RJ: Paz e Terra, 1979, p. 60-65.

35 Nicolina L. Petta e Luciano Delfino, op. cit, p. 54-55.

36 Joel Rufino dos Santos. História política do futebol brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1981, p.25 e 26.

37 Graciliano Ramos, Traças ao Esmo, crônica, 1921.

massas, como uma criança que se manda brincar para queimar energias³⁸.

Na mesma linha de raciocínio, Herschmann e Lerner³⁹ elaboram um contexto que nos permite compreender que o esforço para recuperar o controle e harmonizar a produção após as greves articuladas a partir de 1917, teria no jogo um poderoso aliado, fazendo do futebol um eficiente elemento disciplinador utilizado pelos patrões.

Heloísa Bruhns⁴⁰ afirma que a trajetória do futebol, *“introduzido no país há mais de cem anos por uma elite, até se tornar o esporte mais popular do Brasil, ao longo de uma série de episódios e processos que se desenvolveram com o desenvolvimento industrial e urbano, envolveu a classe operária, empresários, camadas populares e, especialmente, a população negra. Os industriais brasileiros perceberam cedo que o futebol praticado pelos operários poderia funcionar como um ótimo veículo publicitário”*.

Bruhns chega a indagar se não teria sido a então prática do futebol um instrumento quase imperceptível usado para esvaziar o movimento sindical? Bruhns ao afirmar que *“(…) o processo de difusão do futebol entre a classe trabalhadora não pareceu estranho a anarquistas e comunistas, durante as primeiras décadas do século. A questão ocupou alguns sindicatos, recebendo a denominação de ‘esporte burguês’, poderoso ‘ópio’, capaz de minar a união e a organização de classes”*.

Murilo de Carvalho⁴¹ afirma que *“A partir da virada do século, o anarquismo fez incursões entre os operários (...), trazendo propostas políticas e sociais que seguramente confrontavam as tradições. (...) A rejeição da ideia de pátria e de nacionalismo, a oposição ao serviço militar, era a nova ênfase na criação de uma cultura operária própria, de uma educação alternativa, de relações igualitárias entre os sexos. Os anarquistas (...) mostravam sua intolerância com certas tradições populares, como o carnaval, o futebol, o jogo”*.

Fato é que indústrias paulistas começaram a investir na criação de seus clubes. Nos anos 1920, difícil apontar uma indústria da capital paulista que não tivesse um time ou um clube de futebol. Isto porque a classe empresarial passou a ver na proliferação do esporte uma forma de promoção da empresa (ideia de empresa vencedora), propaganda de seus produtos, manutenção de certo grau de controle e de disciplina sobre o tempo livre dos trabalhadores, imagem de uma instituição preocupada com o fortalecimento físico e o divertimento de seus trabalhadores, além de, quem sabe, retirar os operários das discussões e organizações sindicais. Vale lembrar que o avanço do futebol passou a receber destaque junto à imprensa brasileira, tornando-se esta parceira da proliferação do esporte⁴².

No Rio de Janeiro, o fenômeno se repetiu. Ou seja, o critério de vizinhança deixou de ser para os cariocas a única forma de organização dos centros esportivos, já que outro padrão emergiu: clubes, empregados de uma mesma loja ou operários de uma mesma fábrica (caso do Bangu e do Carioca Football Club) conseguiam dos patrões o apoio para a consolidação. Segundo Pereira⁴³ *“(…) a caracterização do jogo como um elemento alienante perpetuaria a dominação ao desviar sua atenção dos assuntos realmente importantes, supostamente atestando com isso a falta de consciência social dos trabalhadores cariocas*

38 Joel Rufino. A História Política do Futebol brasileiro. São Paulo: Brailiense, 1981, pág. 22.

39 Micael Herschmann e Kátia Lerner. Lance de Sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque. RJ: Diadorim, 1993, pág. 35 a 60.

40 Heloísa Turini Bruhns. Futebol, Carnaval e Capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro. Campinas: Papyrus, 2000.

41 José Murilo de Carvalho. Pontos e Bordados. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998

42 Hugo R. Lovisoló. A invenção do País do Futebol: Mídia, raça e idolatria. RJ: Mauad, 2001, p.77.

43 Leonardo Affonso de M. Pereira. Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. RJ: Nova Fronteira, 2000, pág. 255 e 256.

entregues à sua prática”.

Algumas fábricas passaram a oferecer remuneração especial sob forma de pequenos presentes ao jogador-operário, inclusive um segundo salário⁴⁴ (“amadorismo marrom”). Para o jogador-operário, talvez uma forma de construir identidade própria, agindo independentemente da ação de patrão e sindicatos.

O incentivo ao futebol através dos clubes operários nas fábricas tornou-se motivo de orgulho para as empresas, figurando até nas ações mercadológicas, com álbuns sendo elaborados para divulgar a imagem da indústria nacional no exterior. Na década de 1920, os grandes clubes de futebol associados às fábricas, abriam-se a novos sujeitos, não havendo “mais escrúpulo de bater os campos do subúrbio, as barreiras e as várzeas”⁴⁵, com times passando a incorporar em seus quadros jogadores que antes nem entrariam em suas sedes. Como resultado, aos poucos, o futebol transformou-se em um jogo majoritariamente praticado por pobres, abrindo novas possibilidades para jogadores que até então tinham nos clubes do subúrbio (Rio de Janeiro) ou de várzeas (São Paulo) seu único meio de sobrevivência, cujos grandes exemplos foram Domingos Antônio da Guia e Leônidas da Silva, grandes expoentes e astros do esporte em especial na década de 1930. O primeiro passou a jogar no Bangu em 1929 e recebia do dono da fábrica, Guilherme da Silveira, “bicho” por atuações entre \$500 e \$1.000⁴⁶; o segundo, após perambular por vários times, migrou, em 1931, para o Bonsucesso carioca, clube que fazia parte da Associação Metropolitana do Rio de Janeiro.

Teria sido a partir desta nova visão que anarquistas, anarcosindicalistas e comunistas teriam começado a torcer o nariz para o futebol, provavelmente por começarem a perceber que o esporte poderia elevar o nome da fábrica, além de gerar confrontos ente os times e, conseqüentemente, entre os trabalhadores, desvirtuando a luta de classes. As lideranças sindicais anarcosindicalistas, a princípio, viam o esporte com certa desconfiança, por ser uma “(...) forma de alienação produzida pelos donos das fábricas para desviar a atenção do proletariado em relação à causa operária”⁴⁷.

É provável que inúmeros clubes de fábrica tenham surgido de simples “bate-bolas”, ou seja, de partidas de futebol improvisadas, disputadas na rua ou no pátio da fábrica durante o intervalo para o almoço entre aqueles trabalhadores que se dispusessem a jogá-lo. No entanto, aos poucos, a prática foi ganhando maior organização. Com o crescimento do número de times, mais partidas foram sendo realizadas. Para tanto, como custear a prática (uniformes, matérias esportivos diversos, espaço para a prática etc) sem o apoio de patrões, já que só a cotização dos interessados era insuficiente? . O incremento das atividades do clube requeria um aprimoramento organizacional. Formavam-se, assim, em cada unidade fabril incentivadora do esporte entre os seus, uma diretoria, cujos membros tinham por função gerenciar as atividades do grêmio. A tendência era de que esses diretores fossem recrutados dentre os membros dos próprios quadros burocráticos da empresa como chefes, diretores e gerentes. Tornou-se comum o(s) proprietário(s) da fábrica ou altos funcionários ocuparem posições de destaque na burocracia do time, como, por exemplo, o posto de “presidente de honra”, em sinal do “reconhecimento dos sócios” pelos

44 Fátima M. Antunes. O futebol nas fábricas. Revista USP, SP, Dossiê Futebol, n.22, 1994, p.22.

45 Paulo Várzea “Prefácio”, in Floriano Peixoto Córrea, Grandezas e misérias do nosso futebol, p. 21.

46 Depoimento de Domingos da Guia ao Museu de Imagem e do Som, MIS/RJ, 01/09/1967.

47 Leonardo Affonso Pereira. Footballmania: uma história social no futebol do Rio de Janeiro: 1902-1938. Editora Nova Fronteira, 2000.

serviços prestados ao clube⁴⁸. O jornal *Nossa Voz* chegou a denunciar que, durante a greve da Light de 1919, a “população dos clubes fora chamada para substituir os grevistas”⁴⁹.

O jornal *A Plebe* chegou a afirmar: “Atualmente, são três os meios infalíveis que os ricos exploradores das misérias e necessidades do povo empregam para tornar a classe operária uma massa bruta: o esporte, o padre e a política. Não existe nenhuma vila ou aglomerado de casas de operários que não tenha o campo de futebol, a igreja e os gorjetados incitadores políticos. Nos campos de futebol, os operários de ambos os sexos tornam-se aficionados e torcedores e brutalizam-se a ponto de só viverem discutindo entre os seus companheiros os lances e proezas dos campeões”⁵⁰.

O jornal *O Trabalhador Gráfico*, apontou que “A necessidade do esporte para a juventude é um fato incontestável. A burguesia se aproveita desse fato para canalizar todos os jovens das fábricas para os seus clubes. Que fazem os jovens nos clubes burgueses? Defendem as cores desses clubes. Se o clube é de uma fábrica é o nome e a cor da fábrica que defendem; a burguesia cultiva neles a paixão e a luta contra a juventude das outras empresas. Todo operário footballer deve ingressar nos clubes proletários. No mundo obreiro ninguém mais ignora que o esporte bretão tem sido útil ao capitalismo para desviar a atenção das massas trabalhadoras dos seus sindicatos profissionais”⁵¹. Na mesma posição, o jornal *Internacional*, chegou a afirmar em uma de suas edições: “(...) o proletariado (...), se não nos dias de carnaval, é aos domingos nos campos de futebol burguês, deixa-se levar por um entusiasmo contrário àquele que devia de ser. Reprovar todos esses “brinquedos” com que a burguesia nos “brinda” — os “passatempos” burgueses. São os que a nós mais nos prejudicam. Com eles os abutres diluem o instinto revolucionário dos trabalhadores hoje seus escravos!”⁵². Já a edição d’*O Trabalhador Chapeleiro*, indicou que “(...) observamos que uma grande parte das responsabilidades cabe a nós exclusivamente, porque até hoje, aceitando o engodo dos interessados na perpetuação do regime de exploração, temos corrido ao futebol, bailes, às igrejas e aos centros políticos de todos os matizes, descuidando do sindicato que é donde de fato o trabalhador adquire a consciência de si próprio, o valor de sua personalidade”⁵³. O jornal *Nossa Voz*, por sua vez, chegou a fazer o seguinte comentário em uma de suas edições, quando o futebol consolidara-se como prática entre os operários: “Trabalhadores que somos, organizaremos os nossos clubes, as nossas ligas, feitos e dirigidos por nós mesmos, sem interesses de dinheiro, mas só animados pelo espírito de solidariedade proletária”⁵⁴.

Os comunistas, que durante muito tempo foram radicalmente contrários à adoção do futebol pelos trabalhadores, chegaram a propor a criação de uma federação que reunisse clubes de futebol organizados pelos sindicatos, chegando a defender uma “proletarização do esporte” com capacidade de transformar “em um campo de luta pela libertação de toda forma de miséria e opressão”⁵⁵. Quando criticados por anarquistas a propósito da segregação dos jovens operários que o futebol promovia, os comunistas brasileiros argumentavam que, caso estes jovens não tivessem acesso à prática do futebol dentro dos sindicatos, eles o teriam fora deles⁵⁶.

A proliferação do futebol no Brasil, quando incentivada por anarquistas, comunistas

48 Maria Auxiliadora Guzzo Decca. *A Vida fora das Fábricas. Cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.121.

49 *Jornal Nossa Voz*, de 15 de Agosto de 1934.

50 *Jornal A Plebe*, 28 de Janeiro de 1933.

51 *Jornal O Trabalhador Gráfico*, 25 de Maio de 1928.

52 *O Internacional*, 15 de Fevereiro de 1929 (de orientação comunista)

53 *O Trabalhador Chapeleiro*, 01 de Janeiro de 1933.

54 *Jornal Nossa Voz*, 01 de Julho de 1934.

55 Decca, *ibidem* p. 121.

56 Decca, *ibidem*, p. 123..

e capitalistas, possui defesas: *“Algumas discussões apontavam o futebol como um elemento positivo e unificador de um país miscigenado, que pode promover a educação e a solidariedade (...) Outros viam o futebol como expressão do atraso e do subdesenvolvimento”*⁵⁷.

A dicotomia pareceria escancarada.

A análise dos investimentos progressivos no futebol em empresas como *Fábrica de Tecidos Votorantim, Regoli e Cia. Ltda* (posteriormente adquirida pelo Cotonifício Crespi), *Laticínios Vigor, The São Paulo Tramway, Light & Power Co. (atual Eletropaulo – Eletricidade de São Paulo S/A) e Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo* (esta, inclusive, ao empregar o trabalhador, automaticamente o associava ao seu clube, segundo dados obtidos em algumas de seus estatutos; o Art.12º do regimento da Atlético Matarazzo apontava que *“O sócio, que se tornar indigno de estima, por sentença infamante, ou for demitido da Casa Matarazzo, por faltas graves, será “ipso facto” eliminado*)⁵⁸ – nos dá uma pista da importância da proliferação da prática do futebol entre os trabalhadores⁵⁹.

Tais investimentos vinculavam-se à cessão ou pagamento de aluguéis de terreno das empresas para a edificação do campo de futebol e sede social, além de contribuição mensal em dinheiro para pagamento de despesas do clube-empresa no que tange à conservação, limpeza, impostos, energia elétrica, manutenção dos uniformes, transporte de jogadores e fornecimento de material de jogo. Percebe-se, também, que, em geral, a diretoria de cada empresa (Conselho Fiscal e Deliberativo) elaborava o regimento interno e os estatutos do clube, bem como aprovava ou não os associados a este.

O Futebol como trajetória para a criação do Brasil-Nação

Benedict Anderson⁶⁰ aponta-nos que nações são imaginadas e o propósito de tê-las é, entre outros, o de dar um sentido de horizontalidade entre seus membros. Segundo ele, mapas, censos, museus, entre outros, fazem um Estado imaginar seus domínios, assim como hinos, datas oficiais e heróis, reafirmar a visão de nacionalismo, diminuindo individualismos e individualidades.

O Brasil, sempre careceu de uma visão nacionalista. Por ocasião de nossa independência, um amontoado de pátrias manteve unidas as várias regiões da então colônia Brasil, muito mais pelos interesses dos proprietários de escravos, que viam na possibilidade de fragmentação política nos moldes de outras regiões da América um entrave para o livre deslocamento e comercialização das peças de trabalho que os abasteciam. Desta forma, arrisco a afirmar que não foi a monarquia que manteve certa unidade, mas a representação dos interesses escravagistas. Mas esta é uma tese a ser amplamente discutida.

Fato é que a corrente positivista teria dado os primeiros passos para a constituição de um Estado-nação no Brasil. Mesmo assim, durante a Primeira República (1889-1930), os interesses regionais falaram mais alto no então país.

Não há como desconsiderar que o fim da República Velha, em 1930 - quando o Brasil partiu para seu projeto oficial de industrialização -, fez a política e o futebol se

57 José C. do Rego, Mário Filho e N. Rodrigues. Com brasileiro não há quem possa. São Paulo: Ed. Unesp, 2004

58 o futebol era praticado na Associação Atlético Matarazzo desde sua fundação em campeonatos internos entre as diferentes seções dos escritórios centrais, de onde eram selecionados os integrantes da equipe principal. Esta, por sua vez, disputava os campeonatos internos inter-fábricas que reuniam os grêmios das Indústrias Matarazzo da capital e também do interior do Estado de São Paulo.

59 De acordo com a análise de documentos (atas, relatórios de assembléias e memorandos) das empresas.

60 Benedict Anderson. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. SP: Companhia das Letras, 2008. Trad. Denise Bottman.

aproximarem em definitivo, talvez pela ênfase dada ao esporte no primeiro quarto do século.

Cerca de três semanas após assumir o controle sobre o país, Getúlio Vargas iniciou uma política de aproximação junto aos trabalhadores, procurando atender antigas reivindicações dos operários, acalmando as relações conflituosas nas décadas anteriores e ganhando fôlego para um governo mais suavizado.

A ascensão de Vargas ao poder brasileiro aponta para a busca de uma política nacionalista que o país jamais teve. A criação de uma valorização aos nossos documentos históricos, a criação de um Ministério da Educação (inclusive com a obrigação de se ver estampado o Hino Nacional nos cadernos escolares), a edificação de um líder nacional em suas fotos posadas, a valorização de patrimônios históricos, entre outros, são ações que demonstram a tentativa de Getúlio em fazer do Brasil uma Nação.

Outro mecanismo para promover a unidade dos brasileiros foi incentivar a proliferação do esporte-operário (futebol), sendo criadas instituições organizadoras de eventos que acabaram por se tornar importantes veículos de propaganda do governo. Em 1933, por exemplo, o governo Vargas autorizou a criação da profissão do jogador de futebol obrigando-o – como a todo trabalhador assalariado – à sindicalização. Tal profissionalização correspondia a um movimento cultural e político amplo, envolvendo os interesses da disciplina social do Estado e a criação de mais um componente com vistas à identidade nacional. Já na sua segunda Copa do Mundo, disputada na Itália em 1934, a seleção brasileira teve como chefe da delegação Lourival Fontes, um dos mais próximos colaboradores de Getúlio Vargas. O próprio presidente tratou de colocar o futebol dentro do palácio do governo, quando afirmou que *“a missão do time não é somente de caráter esportivo, mas envolve o desempenho de um dever cívico”*⁶¹, talvez inspirado por Benito Mussolini, que transformara o Mundial de então em evento para consolidar o regime fascista.

Caso consideremos a Copa do Mundo de Futebol, verificaremos que Getúlio obteve êxito: durante o desenrolar do torneio, nosso futebol passou a retratar o momento vivido pelo país, identificando sua conjuntura social, política e econômica.

Momentos da Copa, espelhos do Brasil

Jules Rimet, presidente da FIFA, articulou a realização da primeira Copa do Mundo de Futebol em 1930. A sede do evento foi o Uruguai. Trezes países foram representados. O Brasil caiu na fase de grupos com apenas dois pontos somados, vencendo uma partida e perdendo outra. No geral, o país ficou em sexto lugar. O futebol no país estava popularizado, mas ainda com claro cunho regional.

A segunda Copa foi realizada na Itália, entre os dias 24 de maio e 10 de Junho de 1934. A vencedora foi a Itália, com o Brasil terminando em décimo-terceiro lugar. O país ainda não apontava para uma política de uso do esporte como triunfo de unidade nacional. Porém, fazê-lo, era uma questão de tempo.

Ao final de 1937, foi iniciada a ditadura pessoal de Getúlio Vargas em uma forma de organização política denominada de *Estado Novo* e que se estendeu até 1945.

O regime do Estado Novo não possuía uma ideologia definida em sua

61 Plínio J. L. de C. Negreiros, in Márcia Regina Costa (org.). Futebol: o espetáculo do século. SP: Musa, 1979, p. 217.

fundamentação. Porém, o aparelho burocrático foi modernizado, fazendo surgir órgãos como o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), cuja função foi de construir a imagem pública do governo, utilizando modernos veículos de comunicação tais como rádio, filmes e imprensa escrita. O futebol passou a ser uma aposta de Vargas para a popularização de seu regime

Em 1938, a terceira Copa. Sede: França, entre 4 e 19 de junho. Novamente a Itália foi campeã, com o Brasil terminando em terceiro lugar após cinco jogos (três vitórias, um empate e uma derrota). Nesta edição, o brasileiro Leônidas da Silva (conhecido como “Diamante Negro”) tornou-se o maior goleador, com sete gols. O sucesso brasileiro no evento acompanhou o cenário do país: modernização econômica, desenvolvimento tecnológico e consolidação do Estado, refletindo a ideologia estado-novista.

Devido à II Guerra Mundial (1939-1945), não foram organizadas as Copas de 1942 e 1946. Porém, entre 23 de junho e 16 de julho de 1950, foi realizada a quarta Copa do Mundo de Futebol. Sede: Brasil, já que não houve qualquer intenção de a mesma ser realizada na Europa, até porque o velho continente ainda se ressentia dos efeitos da II Grande Guerra. Para a realização do certame mundial, o Brasil ergueu o Estádio do Maracanã (nome de um riacho canalizado), cuja denominação oficial mantém-se atualmente como Estádio Mário Filho. Participaram da fase final do evento treze seleções. O artilheiro (goleador) foi o brasileiro Ademir Menezes, com nove gols. Porém, o Brasil perdeu a final para o Uruguai por 2 x 1, gerando comoção nacional em um Maracanã lotado e atônito. O cenário político e econômico brasileiro demonstrou bem a tragédia da derrota: um país contraditório, envolvido em uma sedimentação de política repressiva em relação aos sindicatos de trabalhadores e ao Partido Comunista, apesar de estabelecer-se em uma Constituição democrática (1946), e em uma política liberal de importação que dilapidou divisas acumuladas pelo país durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), gerando estagnação industrial, aceleração da inflação e o fracasso do chamado *Plano Salte*.

A quinta Copa foi realizada na Suíça, entre 16 de junho e 4 de julho de 1954. Seleção campeã: Alemanha. Grande destaque: Hungria. O Brasil ficou em sexto lugar, com uma campanha considerada pífia para quem vinha de um vice-campeonato, próprio do cenário brasileiro de então: um novo governo de Getúlio Vargas (1951-1954), retorno à política nacional-desenvolvimentista centrada no intervencionismo estatal, conflito com o capital estrangeiro, apelos populistas do presidente Vargas em rota de choque com as Forças Armadas, iminência de golpe de Estado e isolamento do presidente (que culminou, em agosto de 1954, com o suicídio de Vargas).

Na Suécia, a VI Copa, realizada entre 8 e 29 de junho de 1958. Brasil campeão, Suécia, vice. Nomes como Gilmar, Djalma Santos, Zito, Garrincha e Pelé foram projetados, em um cenário brasileiro representado por Juscelino Kubitschek: um presidente conciliador, risonho e simpático que venceu as invertidas contra sua posse e empreendeu a arrancada desenvolvimentista do país, em um governo JK que promoveu a indústria automobilística, a construção de Brasília, a ampliação da malhas rodoviária, ferroviária e hidrovária, em uma euforia nacional que não permitiu a visualização do avanço inflacionário e das diferenças regionais, além do descontrole do déficit público.

A VII edição da Copa de Futebol foi no Chile, entre 30 de maio e 17 de junho de 1962. Brasil novamente campeão (bicampeão) com cinco vitórias e uma derrota (como ocorrera na Suécia). Cenário brasileiro: assim como Pelé desfalcou a equipe no mundial, o Brasil também se viu desfalcado de Jânio Quadros, cujo governo resumiu-se a oito

III

R
E
V
I
S
T
A

meses de iniciativas políticas e econômicas contraditórias que levaram o presidente ao isolamento e à renúncia. Com a crise estabelecida, golpistas entraram em ação. Ousaram mas não conseguiram devido à divisão nas Forças Armadas e à reação popular. Assim como a seleção brasileira de futebol, o Brasil improvisou: adotou o parlamentarismo (de 7 de setembro de 1961 a janeiro de 1963). Pressionado por setores de esquerda, Jango adotou uma retórica nacionalista, no velho etilo populista herdado de Getúlio, colocando-se a favor de reformas sociais. A UDN (União Democrática Nacional), aliada aos grandes latifundiários, industriais e interesses norte-americanos, articulou-se contra os projetos reformistas do governo. O país vivia momentos de forte apelo social e de esperanças de implantações de políticas sociais concretas, tendo a seleção de futebol como modelo das transformações imaginadas.

Na Inglaterra foi realizada a VIII Copa do Mundo de Futebol. O evento foi aberto em 11 de julho de 1966 no Estádio de Wembley. Vitória do país-sede, com o Brasil desclassificado nas oitavas de final e chegando em décimo-primeiro lugar entre os dezesseis concorrentes finais. Campanha desastrosa para um bicampeão. O país vivia embates político-ideológicos. A violência dos golpistas de 1964 não atingiu apenas o campo jurídico-institucional. O ano de 1966 verificava-se também no cotidiano dos cidadãos brasileiros: prisões, tortura, exílio, banimento, assassinatos. A péssima campanha da seleção brasileira na Copa de 1966 teria sido um reflexo da conjuntura nacional incerta.

Entre 31 de maio e 21 de junho de 1970, a IX Copa do Mundo. Palco: México. Vitória do Brasil, que obteve seu terceiro título e, conseqüentemente, a posse definitiva da taça “Jules Rimet”. O cenário brasileiro mostrava-se adequado ao momento: o governo em mãos de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) com o regime militar atingindo o auge da violação dos direitos civis e humanos (censura prévia aos meios de comunicação de massa, prisões, torturas, banimentos, cassações, exílio, assassinatos, aposentadorias forçadas), porém com o desenvolvimento do chamado “milagre brasileiro”, quando os indicadores econômicos atingiram cifras elevadas. Na esteira do “milagre”, a propaganda ufanista do regime militar que fez nascer a Embraer e a Embrafilme, inaugurou o DDD (interligando o país com dezoito outros por telefone) e articulou grandes obras como a Transamazônica, ponte Rio-Niterói e a usina do Itaipu. Ufanismo, arsenal publicitário de tradição fascista, entusiasmo, euforia. O tricampeonato foi uma aposta militar. Com êxito.

A X Copa foi realizada na Alemanha em 1974. O Brasil fechou em quarto lugar, com participação pouco empolgante para um tricampeão. A vitória foi alemã, com destaque ao famoso “carrossel holandês” liderado por Cruyff. A situação interna e externa brasileira não permitia que se mantivesse o entusiasmo econômico desenhado por Médici: dívida externa elevada, inflação abusiva, poder aquisitivo da massa trabalhadora comprometido, retração do consumo de bens duráveis, aumento dos juros, descontentamento empresarial, ampliação do espaço da oposição, promessas de abertura política, tensão no sistema, fim do “milagre econômico”.

Em 1978, finalmente uma Copa na Argentina, já que a mesma pleiteava ser sede do evento desde 1934. E acolheu o evento no auge de sua crise interna. Vitória do país-sede. Brasil, terceiro colocado, apresentando um futebol pouco convincente, embora tenha saído invicto do torneio. Cenário brasileiro: setores mais comprometidos com a repressão se insurgiram contra o projeto de abertura política, imposição do presidente Ernesto Geisel (1974-1979) de controle ao conjunto dos organismos militares, avanço

oposicionista do MDB, recrudescimento de ações dos militares nos aparelhos de repressão, alta inflacionária, elevação assustadora da dívida externa brasileira, greves de trabalhadores que desafiavam a política de arrocho praticada pelo governo e substituição do AI 5 pelas “salvaguardas constitucionais”, assegurando ao presidente, em casos de graves perturbações da ordem, decretar o estado de emergência, suspensões de garantias individuais e delegação de poderes excepcionais às Forças Armadas. Um país tenso, como a seleção de futebol.

Em 1982, Copa na Espanha, realizada entre 13 de junho e 11 de julho. A seleção italiana chegava ao tricampeonato. Paolo Rossi foi considerado o craque do torneio após destacar-se sobre o Brasil em uma vitória épica (3x2), quando o empate bastava para a equipe brasileira (“Tragédia do Sarriá”). O Brasil era liderado pelo técnico Telê Santana e apresentou jogadores como Sócrates e Falcão. A eliminação brasileira é até hoje considerada um desastre, pouco assimilada até os dias atuais. Cenário brasileiro: consolidação do processo de distensão política, num momento em que a crise social revelava o total desgaste do modelo econômico implantado a partir de 1964. Diante de uma sociedade que exigia o restabelecimento pleno das liberdades democráticas e a eleição direta para presidente, o regime autoritário agonizava, mostrando-se incapaz de sobreviver. O país percebia que o processo democrático – apesar de algumas tentativas de minar o caminho – não possuía retorno. A seleção de Telê teria traduzido o momento vivido pelo país.

Em 1986, México. No cenário em que Pelé se consagrou para o tri, o argentino Maradona foi o grande destaque, levando sua seleção à vitória na final sobre a Alemanha: 3x2. O destaque foi a rivalidade que marcou a partida entre a Argentina e a Inglaterra devido à Guerra das Malvinas (1982), com vitória argentina por 2x1 (com gol de mão de Maradona). O Brasil apresentou novamente uma seleção repleta de craques, mas foi eliminada pela França na cobrança de penalidades máximas. Novamente, a frustração, que se fez acompanhada do descontentamento popular com a continuidade do autoritarismo, já que, ao derrotar a emenda Dante de Oliveira (*Diretas Já*), em 1984, o Congresso conservador contribuiu para acelerar a volta do país à plenitude democrática, com a desagregação das forças políticas que deram sustentação à ditadura. Embora a eleição de Tancredo Neves tenha sido sedimentada sobre uma aliança de políticos dispostos a manter intocáveis os privilégios secularmente dominantes no país, tornava-se cada vez mais necessário a remoção do “entulho autoritário”, acumulado ao longo de vinte anos de regime de exceção. Ao assumir a presidência da República em abril de 1984, José Sarney (ex-presidente do PDS e íntimo colaborador do regime militar) encontrou um país em grave situação econômica. Para controlar a inflação e barrar a recessão, em 1986 foi anunciado o Plano Cruzado (desvalorização do cruzeiro, introdução do Cruzado como moeda, congelamento de preços, desestatização da economia, corte de 20% nos investimentos públicos federais). Com o Plano, Sarney esperava retomar o crescimento econômico, combater a inflação e garantir melhor distribuição de renda. Durante a Copa de 86, o plano ainda recebia grande apoio da população e novos tempos eram anunciados com a eleição em novembro de uma Assembleia Nacional Constituinte. Porém, durante a Copa, o Plano Cruzado já mostrava inconsistência. Ao final de 1986, o plano malogrou após sinais de iminente colapso. Exatamente como a seleção fizera em meados daquele ano.

Em 1990, na Itália, a Alemanha conseguiu chegar ao seu terceiro título. O técnico brasileiro foi Sebastião Lazaroni e a campanha foi considerada muito ruim, já que o Brasil, sem grandes craques, sucumbiu nas oitavas de final em um Mundial que ficou marcado por times retrancados e futebol de poucas novidades e ruim. A participação

brasileira evidenciou bem o momento do país: após o fracasso de planos econômicos (Cruzado, Bresser e Verão), manobras continuístas, aprofundamento da crise econômica e descontrole inflacionário, as eleições diretas para presidente foram restabelecidas, sendo eleito Fernando Collor e sua postura autoritária e imperial. Collor iniciou seu governo em janeiro de 1990 prometendo liquidar “*com o tigre da inflação com um só tiro*”. Neste sentido, lançou o Plano Brasil Novo (extinção de ministérios e de empresas estatais, venda de imóveis do governo, substituição do cruzado novo pelo cruzeiro, pré-fixação e reversão dos preços conforme eram praticados em 12 de março de 90, suspensão de subsídios, liberação de importações, aplicação de “tarifaço” nos preços do setor público e bloqueios das contas de poupança e contas correntes com valores acima de Cr\$ 50.000,0). O país dava seus primeiros passos nos caminhos neoliberais.

Em 1994, o mundial foi disputado nos EUA. Um selecionado brasileiro definitivamente pragmático (próprio dos princípios neoliberais) do técnico Carlos Alberto Parreira, liderado por Bebeto e Romário e que teve como destaque o futebol voluntarioso e de pouca criatividade de Dunga e Mauro Silva. O Brasil venceu e chegou ao tetracampeonato, num momento em que o governo Itamar Franco (a partir de 1992), que se seguiu ao de Collor, mudou de estilo. Na essência, porém, continuou com o mesmo credo neoliberal de desmonte do Estado brasileiro. O ritmo das privatizações foi reduzido, assim como a liberalização das importações e a desregulamentação da economia, porém mantidos. No dia primeiro de agosto de 1993 foi instituído o cruzeiro real, equivalente a 1.000 cruzeiros, dando início à implementação do Plano Real (Plano FHC). Não era um simples cortes de zeros, mas um atrelamento do valor da nossa moeda ao câmbio. Contudo com uma intensa campanha favorável nos meios de comunicação de massa, o plano foi finalmente implantado em primeiro de julho de 1994, contando com amplo apoio popular.

Em 1998, o Mundial teve como palco a França. A anfitriã bateu a seleção brasileira na final por 3x0, quando os brasileiros entraram apáticos em campo, mais preocupados com a condição física de seu principal jogador, “Ronaldo Fenômeno”, que, horas antes da decisão, sofreu uma convulsão num quarto do hotel em que estava hospedado. Cenário brasileiro: com o Plano Real, uma série de reformas com o objetivo de diminuir a participação do Estado na economia e, conseqüentemente, redução do déficit público. Uma onda de privatizações transferia para o setor privado diversas empresas estatais de setores considerados estratégicos à época do regime populista e ditatorial, tais como siderurgia, eletricidade e telecomunicações. A estabilidade econômica fora atingida, a aproximação brasileira em relação aos mercados mundiais, notória. Por outro lado, o caráter recessivo do plano gerava uma queda acentuada nas exportações brasileiras em relação ao volume de importações, o déficit na balança de pagamentos batia um recorde histórico e o nível de desemprego atingia índices alarmantes. O Brasil alternava esperanças e incertezas, entre a busca da saúde e espasmos doentios.

Em 2002, a Copa foi dividida entre Coréia do Sul e Japão. Após o considerado fracasso de 1998 (principalmente pelos 3x0 da final contra a França), o time de Luiz Felipe Scolari venceu o torneio com sete vitórias em sete jogos. Na final, bateu a Alemanha por 2x0, com Ronaldo voltando a ser o centro das atenções. O Brasil vivia uma crise econômica aguda, com desemprego crescente, falta de ação social do governo, pane no sistema elétrico, manifestações sociais contra o regime, avanço do Movimento dos Sem Terra, perda de arrecadação. Este o cenário que promovia a ascensão da popularidade de Luiz Inácio Lula da Silva que, abandonando vários elementos mais radicais da pregação do Partido dos

Trabalhadores e mantendo a aura de um candidato de origem popular, passou a ser visto como um candidato aceitável e confiável à sucessão de FHC. O então candidato Lula, derrotado anteriormente em três eleições consecutivas, parecia ser o nome forte e provável para a presidência, o que se confirmou. Seu mandato teria início em primeiro de janeiro de 2003. O país parecia mais confiante, recuperado de traumas e esperançoso.

Em 2006, o Mundial teve como sede a Alemanha. Assim como em 1982, a Itália chegou à Copa envergonhada por um escândalo de compra e manipulação de resultados. Tal como em 82, o time deixou as críticas de lado e chegou ao título, vencendo a França nos pênaltis. O Brasil foi eliminado do torneio nas quartas de final pela França. Cenário brasileiro: o governo Lula, iniciado em 2003, através de medidas austeras, controlou o surto inflacionário e conseguiu conquistar a confiança dos investidores estrangeiros, além de intensificar a política externa brasileira e honrar compromissos com o FMI e outros credores internacionais. Em 2005, porém, o governo Lula foi protagonista de um escândalo que virou notícia mundial, sendo acusado de subornar parlamentares, oferecendo-lhes uma quantia mensal por mês para que votassem as propostas de acordo com a vontade do governo (escândalo do *Mensalão*), provocando enorme desgaste na imagem do Partido dos Trabalhadores e um sentimento de desilusão, em especial entre os jovens brasileiros.

Em 2010, na África do Sul, a Espanha conquistou o título ao vencer a Holanda. O Brasil repetiu o resultado de 2006, sendo eliminado nas quartas de final pela seleção vice-campeã. Cenário brasileiro: Lula, no encerramento de seu segundo mandato, deixou uma taxa de desemprego que atingia seu menor índice (5,3% da população economicamente ativa, contra 10,5% em 2002). Outro dado positivo: a valorização do salário mínimo. Mesmo as reservas internacionais do país cresceram substancialmente, passando a valores aproximados de 300 bilhões de dólares. Porém, o segundo mandato de Lula (2007-2010), apesar de manter as características do primeiro (2003-2006), foi atingido pela crise devastadora que marcou a economia mundial a partir de 2008 que teve como origem o colapso do sistema financeiro nos EUA, o que gerou uma recessão internacional. Mesmo assim, o mandato de Luiz Inácio Lula da Silva caminhava para o final sendo responsável, mais do que qualquer outro governo anterior, por promover a imagem internacional do Brasil, condição que pode ser bem exemplificada no campo esportivo: o direito de sediar a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016.

Em 2014, novamente a Copa do Mundo de Futebol foi realizada no Brasil, entre 12 de junho e 13 de julho. Na preparação, denúncias de superfaturamento. A vitória coube à Alemanha. O Brasil foi humilhado, sendo superado pela campeã nas semifinais por 7x1. Na disputa pelo terceiro lugar, nova humilhação: 3x0 para a Holanda. A sucessora de Lula, Dilma Rousseff, mesmo em meio à denúncia de uma série de escândalos e sem a empatia de seu mentor, preparou o país para o evento, mesmo enfrentando uma série de manifestações de rua em 2013. O impacto dos investimentos para a realização da Copa de 2014 representou o equivalente a 2,17% do Produto Interno Brasileiro (PIB) previsto para 2010. Sem dúvidas, um grande cifra que, segundo os mais críticos, poderia ser revertido para outros fins. Os investimentos teriam sido 793% maiores do que o estimado. Porém, diferentemente de 1950, havia a perspectiva para a não aceitação de um novo revés futebolístico em terras brasileiras. Houve o revés. Dilma foi reeleita presidente alguns meses após o fiasco brasileiro na Copa 2014, deixando um país fragmentado politicamente. Na Copa, o país parecia mais um anfitrião envergonhado, oscilando entre o desejo de vitória e a incapacidade de fazê-lo por merecer.

A partir de então, eclodiram novas denúncias envolvendo o governo do Partido dos Trabalhadores e seus principais aliados, em uma conjuntura que deve ser refletida na Copa de 2018.

CONCLUSÕES

Na busca de significados e do funcionamento das sociedades, as mais diversas linguagens tornaram-se objetos privilegiados para as análises, vistas, cada vez mais, como metáforas da realidade. Como bem nos aponta Antoine Prost⁶², a ciência histórica está vinculada com o social e com o contexto cultural e seu valor está nas questões.

Certa vez um poeta espanhol disse que todo dia pela manhã olhava o jardim da casa em que morava através de um vitral colorido. A cada dia as flores assumiam tonalidades diferentes, dependendo do vitral que focava. Assim, creio, é a ciência histórica.

A história contemporânea caracteriza-se pela ausência de concordância de ideias, de opiniões. A multiplicação das pesquisas faz com que percamos a dimensão do conjunto, gerando fragmentações excessivas. Muitos historiadores perdem-se em seus próprios critérios, afirmando suas dúvidas e relativizando suas conclusões e críticas.

História se faz desvendando os processos reais, levantando problemas. E a interferência do futebol enquanto esporte de massa que permeia a história de um país como o Brasil, carece de análises contundentes já que, enquanto prática, o futebol parece ter conseguido doutrinar, guiar passos e transpor momentos.

Nasceu elitista. Popularizou-se e passou a representar no Brasil a alma de um povo fragmentado e dividido em pátrias, com alguns espasmos de unidade em sua história.

O futebol, então prática das elites sociais, avançou, popularizando-se e invadindo o dia-a-dia de todos os brasileiros, mesmo dos que o apreciam. Vitória da bola, que pode ter chegado até mesmo a esvaziar o movimento operário das primeiras décadas do século XX.

A primeira Copa do Mundo organizada no Brasil ocorreu em 1950. Os tempos eram outros. Estávamos sob o governo de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), ninguém conhecia Pelé e os anos de desenvolvimentismo de JK ainda não tinham chegado. Tudo era mais modesto e as exigências da FIFA eram outras. No Brasil, denúncias de corrupção e de capitalização política teriam sido jogadas ao ar.

A análise historiográfica dá-nos pistas de que a trajetória da popularização do futebol no Brasil pode nos fazer entender a relação entre o mesmo e as ações estruturais, especificamente o interesse de se entender qual o uso que o sistema político brasileiro fez do futebol. Isto não significa que se almeja reduzir a prática do futebol à da política. Não há dúvidas, no entanto, que futebol e ideologia nacional estão relacionados.

Na atualidade, quando vemos noticiadas brigas entre torcedores de clubes de futebol rivais, ou que fanáticos procuram agredir atletas que não correspondem às expectativas nos times que defendem, ou que trens foram destruídos após uma partida de bola por torcedores derrotados, chego a questionar: “por que o povo brasileiro parece ter sido educado para achar que seus problemas resumem-se ao futebol?”. Talvez a pergunta deva ser colocada de forma diferente: “por que o futebol traz revolta e o desemprego, a violência, a triste condição da educação e da previdência e as práticas de corrupção, nem

62 Antoine Prost. Dez Lições da História.

tanto?». Dificil responder sem que haja um aprofundamento na questão. O fato é que (no Brasil em especial) uma derrota do time pelo qual se torce, abala tanto ou mais do que a notícia de um ataque terrorista em Paris, Nova Iorque ou Bruxelas. Sofre-se mais com um revés do time do coração do que com os milhões de habitantes que chafurdam na miséria ou ignorância.

Em tempos de eficiência e pragmatismo, características do neoliberalismo econômico, a tática futebolística mais adotada atualmente é de fortalecimento do sistema defensivo para ganhar partidas com placares mínimos, sofrendo poucos gols.

O perfil de participação do país nos torneios realizados a partir de 1930, insere-se em um contexto histórico, exatamente como em nossa vida individual, quando o desempenho em alguma atividade importante relaciona-se à atmosfera de equilíbrios e desequilíbrios pessoais.

FONTES

. Jornais Operários (A Plebe, O Combate, Nossa Voz, O Trabalhador Gráfico, O Trabalhador Chapeleiro)

. Arquivos de indústrias paulistas do período(atas, contabilidade e investimentos no futebol).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALVES, Paulo. Anarquismo e Anarcosindicalismo (teoria e prática no movimento operário brasileiro – 1906-1922). Curitiba: Aos quatro ventos, 2002.
- AQUINO, Rubim Santos L. de. Futebol, uma paixão nacional. RJ: Zahar Ed., 2002.
- CALDAS, Walenyr. O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro. SP: Ibrasa, 1990.
- CAMPOS, Rui Ribeiro de. Futebol: racismo, identidade nacional e uso político. RJ: DBA, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. Pontos e Bordados. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- DULLES, John W. Foster. Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- FAUSTO, Boris. Negócios e Ócios. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- _____. Trabalho urbano e Conflito social (1890-1920). São Paulo: Difel, 1976.
- FILHO, Mário. O Negro no Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- FLOREAL, Sílvio. A Ronda da Meia-Noite – Vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FRESCA, Camila Ventura. Pagu. In Rebeldes Brasileiros: homens e mulheres que desafiaram o poder. São Paulo: Casa Amarela, 2001, vol. 2.
- GUERIN, Daniel. Anarquismo: da doutrina à ação. Rio de Janeiro: Germinal, 1999.
- HARDMAN, Francisco. Nem Pátria, nem Patrão. São Paulo: E-VUNESP, 2002.
- KUPPER, Agnaldo. Sociologia: diálogos compartilhados. São Paulo: FTD, 2014.
- LEONARDI, V. P. de Barros. Efeitos Sociais da Primeira Industrialização no Brasil. In História do Século XX. São Paulo: Abril, 1975, vol. 3.
- _____. O papel do imigrante na evolução do Brasil. São Paulo: Abril, 1975.
- LORENZO, Helena C. & COSTA, Vilma P. da. A década de 20 e as origens do Brasil moderno. São Paulo: E-VUNESP, 1997.
- MALATESTA, Errico. Socialismo y anarquía. Madrid: Editorial Ayuso, 1977.

117

R
E
V
I
S
T
A

-
- MARAM, Sheldon L. Anarquistas, Imigrantes e o Movimento Operário Brasileiro (1890-1920). Tradução José E. R. Moretzsohn. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MAZZONI, Tomás. História do futebol no Brasil. SP: Leia, 1950.
- NOGUEIRA, Armando. Bola na rede. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- PATUSCA, Araken. Os reis do Futebol. São Paulo, 1976 (sem editora).
- PEDROSA, Milton (org.). Gol de Letra. O Futebol na Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, 1967.
- PEREIRA, Affonso de M. Footballmania: uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. RJ: Nova Fronteira, 2000.
- PINHEIRO, Paulo César de M. Sarmiento. Cultura e Sociedade no Brasil (1900-1914). In História do Século XX. São Paulo: Abril, 1975, vol. 3.
- _____. A classe operária do Brasil (1889-1930). Documentos. O Movimento Operário. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979, vol. 1.
- PRADO, Antonio Arnoni (org.) Libertários no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1987. Vários autores: Antonio Cândido, Boris Fausto, entre outros.
- PROENÇA, Ivan Cavalcanti. Futebol e Palavra. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.
- RAGO, Margareth e GIMENES, Renato A. Oliveira (orgs.). Narrar o passado, repensar a história. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.
- ROBERTS, J.H. Socialismo, Anarquismo e Violência. São Paulo: Abril, 1975.
- SANTOS, Joel Rufino dos. História política do futebol brasileiro. SP: Brasiliense, 1981.
- SEVCENKO, Nicolau. Orfeu Estático na Metrópole. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- SIMÃO, Azis. Sindicato e Estado. Suas relações na formação do proletariado de São Paulo. São Paulo, Dominus, 1966.
- TOUCHARD, Jean (org.). Histórias das Ideias Políticas. Socialismos e movimentos revolucionários (1870-1914). Publicações Europa/América, 1970.
- WISNIK, José M. Veneno Remédio – o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

118